

CICATRIZES VIVAS (RESENHA DO ROMANCE A SUL. O SOMBREIRO DE PEPETELA)

Júlia Parreira Zuza Andrade¹

O novo livro do escritor Pepetela revela uma Angola dos séculos XVI e XVII, nas primeiras fases da colonização. Com uma linguagem acessível, bem costurada e com passagens dignas de filmes de aventura, *A Sul. O Sombreiro* é um grande romance. Pepetela utiliza vários elementos históricos, dentre eles a presença da igreja católica nas colônias, as lutas pelo poder político envolvendo intrigas e conspirações e o tráfico negreiro, para trazer à luz do dia possíveis causas de um quadro que se arrasta até hoje na África de uma maneira geral.

A Companhia de Jesus, fundada no século XVI com forte caráter missionário, detinha grande poder político e influência na colônia angolana. Os jesuítas tinham privilégios e gozavam de relações estreitas com D. Filipe, rei de Portugal na época. Intervinham nos jogos de poder e tinham seus protegidos, como é o caso de Manuel Cerveira Pereira, o temido e cruel conquistador de Benguela, sendo aliados e se ajudando mutuamente. A função de arregimentar e doutrinar novos cristãos era essencial, pois seria mais fácil convencer os colonizados a serem submissos. Os efeitos catastróficos dessa equação seriam sentidos por muito tempo.

Uma intrincada rede de poder é exposta ao leitor, demonstrando como a colônia era refém das vontades do rei e interesses próprios dos governantes. Manuel Cerveira Pereira é a representação do conquistador implacável, sanguinário e corrupto. Com figurino e postura austeros, obedecia ao rei quando lhe convinha e almejava apenas uma coisa: o seu enriquecimento. Pode-se perceber a imagem da África já bem consolidada no século XVI como sendo apenas um local de exploração de matérias-primas e escravos, noção que se arrastou por tanto tempo. O tema converge para o livro *Discurso sobre o colonialismo* de

¹ Mestranda em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Portugal. E-mail: juliazuza@bol.com.br.

Aimé Césaire de 1950. Césaire lista vários exemplos de atrocidades cometidas com a justificativa do colonialismo e afirma que a ‘colonização=coisificação’.

A coisificação abordada por Césaire fica bem clara quando se trata no livro do tráfico negro. Primeiro, os escravos são nomeados de ‘peças’, um produto como outro qualquer muito rentável, que interessava tanto a brancos como negros, sendo o Brasil um grande comprador. A ideia do bom selvagem tão habitual no senso comum cai por terra com o romance de Pepetela. Há vários trechos em que tribos mais fortes subjugavam outras para vendê-las como escravos, sem remorsos ou reflexões. Outra classe que também não possuía remorsos e estimulava o comércio de escravos eram os jesuítas. Em uma passagem muito interessante do livro, um padre jesuíta questiona seu superior qual seria a razão de ‘coisificar’ o negro, escravizando-o enquanto protegia o indígena brasileiro. Uma razão muito simples: o negro possuía valor de mercado.

O coração do livro pulsa mais forte com seu protagonista, o jovem Carlos Rocha, um luandense negro que foge de seu pai alcoólatra com medo de ser vendido por este como escravo. Um personagem emblemático com a exata descrição que lhe deram os temidos guerreiros jagas: um branco de cor preta. Andava com trajes dos portugueses, era cristão, possuía um escravo, falava português e também criou o interesse em enriquecer com ouro e cobre. Seu encontro com Kandalu, a jovem jaga por quem se apaixona, revela as diferenças culturais entre os dois e uma certa recusa de Carlos em seguir os costumes e tradições desta. Muito astuto e maduro para a pouca idade, encontra em seu caminho o aventureiro inglês Andrew Battell, o “kingrêje”. Vale aqui um parêntese sobre Battell. Contador de várias histórias fantásticas, o inglês, ao voltar para sua terra natal escreve um livro de memórias (vivas ou inventadas) que deve ter em muito contribuído para criar a imagem de exotismo que povoa ainda a África. Exotismo criticado por Franz Fanon, que discute a necessidade do intelectual colonizado em recuperar suas memórias (tão deturpadas pelo colonizador) com objetivo de se legitimar, mas refuta a ideia de se basear excessivamente em tradições e hábitos, pois acaba por levar o colonizado a uma alienação ainda maior. E seria Carlos Rocha um alienado por ser negro com certos costumes de branco, do colonizador? A questão pode ser mais complexa. O protagonista parece estar em busca de si mesmo, numa jornada que se torna mais importante que o objetivo inicial a ser alcançado; talvez Carlos apresente certa

semelhança guardada as devidas proporções com Kindzu, protagonista de *Terra Sonâmbula* do moçambicano Mia Couto. A história do jovem Carlos Rocha merecia um livro à parte.

A Sul. O Sombreiro traz elementos sobre uma Angola no princípio da colonização que são de suma importância para se compreender as cenas seguintes da história daquele país e de tantos outros países africanos. Pepetela expõe as causas da ferida com muita maestria e constrói as bases de um panorama que deixará cicatrizes profundas. Cicatrizes que muitas vezes nem o maluco consegue apagar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Lisboa: Ulisseia: 1961.

PEPETELA. *A sul. O sombreiro*. Alfragide: Dom Quixote, 2011.